

## Construir e compartilhar o conhecimento

Eni Leide Conceição Silva (POLI/USP), eni.silva@terra.com.br

### Abstract

*The search of new economical models relighted the discussion around self-management concepts, of cooperation, of solidarity, of social and digital inclusion.*

*In the current conjuncture, the Enterprises of Solidary Economy appear as an option of social organization of the work, of income and an useful atmosphere for the construction, sharing of the knowledge and innovation generation.*

*The objective of the present article is to try to understand the construction and sharing of the knowledge in the Enterprises of Solidary Economy, by Community's of Practice concept, here expert as an element of collective learning inside of the social organization of the work.*

*Community of Practice here understood as an instrument of collective learning inside of the social organization of the work, whose characteristics proposed by Wenger (2000) they are: domain (mutual engagement), the own community (common enterprise) and the practice (shared repertoire).*

*Keywords: Co-operativism; Solidary economy; Community of Practice; Management of the Knowledge.*

### Resumo

*A procura de novos modelos econômicos reacendeu a discussão em torno de conceitos de autogestão, de cooperação, de solidariedade, de inclusão social e digital.*

*Na conjuntura atual, os Empreendimentos de Economia Solidária surgem como uma opção de organização social do trabalho, de renda e um ambiente profícuo para a construção, compartilhamento do conhecimento e geração de inovação.*

*O objetivo do presente artigo é procurar entender a construção e compartilhamento do conhecimento nos Empreendimentos de Economia Solidária, mediante o conceito de Comunidade de Prática, aqui entendido como um elemento de aprendizagem coletiva dentro da organização social do trabalho.*

*Comunidade de Prática aqui entendida como um instrumento de aprendizagem coletiva dentro da organização social do trabalho, cujas características propostas por Wenger (2000) são: **domínio** (engajamento mútuo), a própria **comunidade** (empreendimento comum) e a **prática** (repertório compartilhado).*

*Palavras-chave: Cooperativismo; Economia Solidária; Comunidade de Prática; Gestão do Conhecimento.*

### 1. Introdução

Os efeitos da globalização provocaram profundas transformações em todo o processo de desenvolvimento da sociedade humana, particularmente na organização social do trabalho e na criação e disseminação do conhecimento.

A procura de novos modelos econômicos reacendeu a discussão em torno de conceitos de autogestão, de cooperação, de solidariedade, de inclusão social e digital, pois somente 1/5 da população mundial está em fase de migração para o ciberespaço e para relações de acesso. (RIFKIN, 2001).

A maioria está muito distante dos cabos de fibra ótica, de uplinks de satélites, telas de computador e telefones celulares. Dito de outra maneira, 5/4 da população mundial ainda continua na luta diária pela sobrevivência.

Temos assim a chamada *divisão digital*, de um lado; o mundo dos conectados e o de outro, os desconectados. RIFKIN (2001) ressalta que “*apesar de toda a euforia em torno da revolução das comunicações e das audaciosas projeções sobre um mundo no futuro ligado eletronicamente, a realidade é que 65% da população humana atual nunca deu um único telefonema e 40% não tem acesso à eletricidade*”.

Os Empreendimentos Econômicos Solidários representam uma nova forma de organização social do trabalho, de renda e um ambiente profícuo para a construção e compartilhamento do conhecimento.

No Brasil, as formas cooperativas de produção têm propiciado a geração de trabalho, de renda, o resgate da cidadania e a inclusão social para mais de um milhão e duzentos e cinquenta mil brasileiros, segundo dados da SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES, 2006).

## **2. Economia Solidária**

No século XIX em torno do termo Economia Social reuniram-se socialistas, social-cristãos e liberais, motivados pelo custo humano da Revolução Industrial e pela crítica da ciência econômica que não contemplava a dimensão social.

A crise do capitalismo no século XX teve como conseqüências o desemprego, o fechamento de empresas, gerando uma série de iniciativas por parte dos trabalhadores entre 1977 e 1984, fundamentadas na autogestão.

A procura de novos modelos econômicos reacendeu a discussão em torno de conceitos de autogestão, de cooperação, de solidariedade, de inclusão social e digital e de economia da dádiva.

Movimentos sociais e étnicos também contribuíram para uma nova visão do social, da sua relação com o econômico e da relação do homem com o meio ambiente (LECHAT, 2002).

### **2.1 A Economia Solidária no Brasil**

Para Lechat (2002) o conceito de economia de solidariedade aparece pela primeira vez no Brasil em 1993 no livro organizado por Gadotti, intitulado Economia de Solidariedade e Organização Popular.

“A economia solidária começou a ressurgir, no Brasil, de forma esparsa na década de 80 e tomou impulso crescente a partir da segunda metade dos anos 90” (SINGER, 2000:25).

Os Empreendimentos de Economia Solidária na década de 90 foram impulsionados pela reação dos movimentos sociais frente à crise do desemprego em massa (SINGER, 2002; FRANÇA FILHO, 2004, POCHMANN, 2004 E RUFINO, 2005).

Em 1994 surge a ANTEAG (Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão e Participação Acionária) como resultado do controle da massa falida de diversas empresas pelos trabalhadores.

Na área rural, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) para tornar os assentamentos auto-sustentáveis, organiza diversas modalidades de cooperativas.

Nas Universidades estruturam-se as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) e os Núcleos de Economia Solidária, os quais aglutinam estudantes e pesquisadores em busca de soluções viáveis para os Empreendimentos de Economia Solidária.

Várias entidades de apoio e fomento são criadas. O Ministério do Trabalho e Emprego cria em junho de 2003 a SENAES.

### 2.1.2. A Institucionalização da Economia Solidária no Brasil

A SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária – Ministério do Trabalho e Emprego, considera Economia Solidária como o conjunto de atividades econômicas - de produção, de distribuição, de consumo, poupança e crédito organizados sob forma de autogestão, cujas características são: **Cooperação, Autogestão; Atuação econômica e Solidariedade.**

A SENAES considera Empreendimentos de Economia Solidária, as seguintes modalidades de organizações: **Organizações suprafamiliares; Organizações permanentes; Organizações que podem dispor ou não de registro legal; Organizações que realizam atividades econômicas e Organizações econômicas singulares ou complexas.**

Com o intuito de atender ao escopo da pesquisa, adotaremos a definição da SENAES sobre Empreendimentos de Economia Solidária e utilizaremos a expressão Empreendimento Econômico Solidário como sinônimo de Empreendimento de Economia Solidária.

Os Empreendimentos Econômicos Solidários encontram, todavia, diversas dificuldades, das quais destacamos: Limitação dos processos de produção e comercialização, Acesso ao crédito, Falta de legislação específica, de formação, de assessoria gerencial e técnica, Falta de estratégia para a apropriação e disseminação do conhecimento.

### 3. Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis

A aceleração do processo de urbanização, a queda dos níveis de emprego, o despreparo profissional, entre outros fatores, levou muitas pessoas a descobrirem nos resíduos sólidos uma fonte de geração de trabalho e renda.

Nas megametrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro, existe um número expressivo e crescente de pessoas que sobrevivem vasculhando lixeiras em busca de materiais recicláveis para a venda.

Estudo realizado pelo IPEA/2005 revela que *existem no Brasil 16 aglomerações urbanas com mais de um milhão de habitantes cada, lideradas pelas megametrópoles São Paulo e Rio de Janeiro.*

Essa concentração populacional sem o correspondente crescimento da oferta de **infra-estrutura física** (moradias, saneamento, transporte público) **social** (educação, saúde, lazer) **emprego e renda** leva grande parte da população a viver, de maneira precária, em favelas ou cortiços, onde proliferam a miséria, a degradação humana e a violência, conclui a pesquisa do IPEA/2005.

Estima-se que no Brasil existam um milhão de pessoas que sobrevivem vasculhando lixeiras em busca de materiais recicláveis para a venda

Com o intuito de tornar mais rentável essa atividade, muitos se organizaram em cooperativas ou associações para vender os materiais em maior volume, em melhores condições de limpeza e classificação e para obter uma melhor remuneração.

Esse modelo de organização econômica aglutina os trabalhadores e lhes proporcionar melhores ganhos, condições de negociação e o resgate da cidadania.

Essa modalidade de empreendimento "contribui para organização das atividades, valoriza o trabalhador, o trabalho e qualidade de vida, afasta os intermediários e os resultados retornam aos sócios de forma proporcional às operações e o compromisso é educativo, social e econômico" (RUFINO, 2005).

### 3.1 O Catador de Materiais Recicláveis

A CBO – Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego nomeou e descreveu as atividades do Catador de Materiais Recicláveis, por intermédio da Portaria 397 de 09.10.2002, da seguinte maneira: *catar, selecionar e vender materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.*

*O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente na manipulação do material, a acidentes de trânsito e, muitas vezes, à violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triador e enfardador de sucatas.*

### 3.2 Gestão da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis

A reciclagem é um conjunto de operações interligadas e realizadas por diferentes agentes econômicos, cuja finalidade é a re-introdução de materiais presentes nos resíduos gerados pelas atividades humanas nos processos produtivos.

”A atividade dos catadores na cadeia de reciclagem concentra-se na coleta, triagem e classificação dos resíduos, principalmente domésticos. Algumas cooperativas buscam ampliar seus rendimentos, caminhando em direção às operações de beneficiamento” (LAJOLO, 2003).

O trabalho sob forma cooperativa envolve uma nova postura do catador de materiais recicláveis, qual seja, na relação com os colegas, uma visão de negócios, uma capacitação técnica e humana, responsabilidades e oportunidades compartilhadas.

A estratégia de gestão das Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis deve englobar ações coletivas para organizar os recursos humanos, materiais e financeiros com o intuito de consolidar-se como empreendimento solidário e auto-sustentável.

## 4. O Estudo de Caso

Nakano e Fleury (1996) citam Thiollent para definir Metodologia, a qual deve ser entendida como disciplina que se relaciona com a epistemologia ou filosofia da ciência. Seu intuito consiste em analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou implicações de sua utilização.

Para atender aos propósitos do estudo, adotamos o Estudo de Caso, cuja estratégia possibilita resguardar as especificidades holísticas e expressivas dos fatos da vida real (YIN, 2005).

Dentro do universo dos Empreendimentos Econômicos Solidários, analisaremos as cooperativas, especificamente as Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis.

### 4.1 CRUMA - Cooperativa de Reciclagem Unidos pelo Meio Ambiente

No contexto urbano, as Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis, representam um dos segmentos dos Empreendimentos de Economia Solidária mais mobilizados para alcançar a busca da sustentabilidade socioeconômica.

A cooperativa nasceu da iniciativa de um grupo de catadores da cidade de Poá estado de São Paulo há 11 anos.

Os cooperados da **CRUMA** destacam que a organização dos catadores é importante para “promover parcerias governamentais e não-governamentais, mobilizar políticas públicas, construir redes de comercialização do lixo reciclável e promover o papel dos catadores na sociedade”.

Em 2006 a Prefeitura de Poá cedeu uma área maior para a **CRUMA** coordenar o Centro de Triagem de Coleta Seletiva da cidade. Essa parceria envolveu o Ministério do Meio Ambiente e o governo do Estado de São Paulo.

A **CRUMA** participa da construção de uma rede de comercialização **CATA SAMPA** que envolve outras Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis do estado de São Paulo.

## **5. O Significado do Conhecimento**

O conhecimento é um tema que instiga o ser humano desde a Grécia antiga. A procura pelo entendimento do seu significado e suas implicações no mundo do trabalho é assunto recorrente em diversas áreas da ciência, tais como gestão e aprendizagem organizacional.

Nonaka (1994:15) afirma seguir a epistemologia tradicional para adotar uma definição de conhecimento como “uma crença justificadamente verdadeira”.

Grant(1996:10), em relação à mesma pergunta “o que é conhecimento?”, afirma que “desde que esta questão tem intrigado alguns dos maiores pensadores do mundo, desde Platão a Popper, sem a emergência de um claro consenso, essa não é uma arena que eu escolho para competir”.

Para Davenport e Prusak (1998), conhecimento é uma mistura fluida de experiência condensada, valores, informações contextuais e *insight* experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações.

### **5.1 As dimensões para a criação do Conhecimento Organizacional**

Para Fleury (2000) a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de competências podem se dar por meio de processos pró-ativos (experimentação e inovação) ou reativos (Resolução sistemática de problemas).

A disseminação do conhecimento por toda a empresa pode acontecer por meio de diversos processos, tais como: Comunicação e circulação de conhecimentos, treinamento, rotação de pessoas, trabalho em equipes diversas.

As informações são estocadas e as experiências transmitidas; tanto as bem-sucedidas quanto as malsucedidas devem ser de fácil recuperação e disponibilidade para os membros da empresa.

A criação do conhecimento organizacional, pois, deve ser entendida como um processo que amplia “organizacionalmente” o conhecimento criado pelos indivíduos, cristalizando-o como parte da rede de conhecimentos da organização, enfatizam Nonaka e Takeuchi (1997).

O conhecimento tácito é pessoal, específico ao contexto e, assim difícil de ser formulado e comunicado. Quanto ao conhecimento explícito ou “codificado” refere-se ao conhecimento transmissível em linguagem formal ou sistemática.

O modelo proposto pelos autores Nonaka e Takeuchi sugere a interação das duas dimensões do conhecimento, a qual chama de “conversão do conhecimento”.

Segundo eles a conversão é um processo social entre indivíduos e não um processo confinado dentro de um indivíduo. Desse modo, mediante o processo de “conversão social”, o conhecimento tácito e o conhecimento explícito se expandem tanto em termos de qualidade quanto de quantidade, conforme Nonaka (1997).

Oliveira Jr (2001) ressalta a afirmação de Brown e Duguid de que a socialização, externalização, combinação e internalização devem ser integradas como etapas de um processo contínuo e circular, que ocorre no meio de um grupo, coletividade ou comunidade de praticantes na organização.

Como consequência, o processo de desenvolvimento do conhecimento e de desenvolvimento da comunidade de praticantes é basicamente interdependente. A prática desenvolve a compreensão, que pode reciprocamente mudar a prática e estendê-la à comunidade, de forma que o conhecimento e prática estejam relacionados.

## 6. Construir e Compartilhar o conhecimento

Para entender como é criado e disseminado o conhecimento nos Empreendimentos Econômicos Solidários, inseridos na economia de mercado, adotaremos o conceito de Comunidade de Prática.

A Comunidade de Prática é um elemento de aprendizagem coletiva dentro da organização social do trabalho, recentemente incorporada às estratégias de Gestão.

Wenger (2000) definiu a Comunidade de Prática – CoP – como “um grupo de pessoas que partilha um interesse, digamos um problema que enfrentam regularmente no trabalho, nas suas vidas, e que se junta para desenvolver conhecimento de forma a criar uma prática em torno desse tópico”.

As características propostas por Wenger (2000) para uma Comunidade de Prática são: **domínio** (engajamento mútuo), a própria **comunidade** (empreendimento comum) e a **prática** (repertório compartilhado).

Wenger definiu a Comunidade de Prática - CoP - como "um grupo de pessoas que partilha um interesse, digamos um problema que enfrentam regularmente no trabalho, nas suas vidas, e que se junta para desenvolver conhecimento de forma a criar uma prática em torno desse tópico".

“[...] Elas discutem situações, suas aspirações e necessidades, ponderam sobre assuntos comuns, exploram idéias e funcionam como caixa de ressonância. Elas podem criar ferramentas, padrões, desenhos genéricos, manuais e outros documentos” (WENGER, MCDERMOTT e SNIDER, 2002: 4-5).

## 7. Conclusões

Os Empreendimentos Econômicos Solidários aportam novos conceitos no mundo do trabalho e despertam novas demandas para as diversas áreas da ciência, particularmente para o campo da Engenharia de Produção, da Organização do Trabalho Cooperativo, da Educação Cooperativa, e da Construção e Compartilhamento do Conhecimento.

Entender o processo de geração e de disseminação do conhecimento nos Empreendimentos Econômicos Solidários é uma tarefa essencial para o desenvolvimento de competências capazes de potencializar os seus resultados e alcançar a sua sustentabilidade socioeconômica.

A institucionalização ou a sua formalização no ambiente de trabalho, requer alguns cuidados para não se criar mais uma estrutura na empresa e imobilizar o processo espontâneo de criação e compartilhamento do conhecimento.

A Comunidade Prática como instrumento de aprendizagem coletiva na organização social do trabalho está presente nos Empreendimentos Econômicos Solidários, entretanto é importante destacar a necessidade de alinhar o discurso com a prática solidária na criação e no compartilhamento do conhecimento, com o objetivo de possibilitar efetivamente aos atores sociais envolvidos uma Autogestão do conhecimento.

Considerando a dimensão do tema e as suas várias implicações, o presente trabalho não é conclusivo, entretanto procura contribuir para ampliar o interesse e a discussão na área de Engenharia de Produção sobre a importância da construção e da disseminação do

conhecimento de modo solidário nos processos associativos, com vistas a impulsionar um desenvolvimento efetivamente sustentado.

## Referências

**ADAM, M.R.; MARTÍNEZ, J.M.T.** Sistemas de ayuda a las decisiones en la gestión del conocimiento y las cooperativas. *CIRIEC-Espanã, Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, nº. 49, agosto 2004, pp. 55-75

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRABALHADORES E EMPRESAS DE AUTOGESTÃO.** *Autogestão – Construindo uma Nova Cultura nas Relações de Trabalho*. São Paulo: Anteaq, 2000.

**ARROYO, J.C.T & SCHUCH, F.C.** *Economia popular e Solidária – A Alavanca para um desenvolvimento sustentável*. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. – (Coleção Brasil Urgente)

**BOISIER, S.** Sociedad del conocimiento, conocimiento social y gestión territorial. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 2 nº. 3, p. 9-28, set. 2001

**BROWN, J.S, DUGUID, P.** Knowledge and organization: A Social-practice perspective. *Organization Science*. Linthicum. 2001 Vol. 12 , Iss.2 pag.198

**BRUNI, L.** (org.) *Economia de Comunhão – uma cultura econômica em várias dimensões*. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2002

**CHAVES, R.** La economía social como enfoque metodológico, como objeto de estudio y como disciplina científica. *CIEREC-Espanã, Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, nº. 33, diciembre 1999, pp. 115-139

**CHOO, W.C.** *A Organização do Conhecimento – como as Organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2003.

**CONCEIÇÃO, M.M** *Os empresários do Lixo: um paradoxo da modernidade - análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo*. Campinas: Átomo, 2003.

**CORRAGGIO, J.** La relevancia del desarrollo regional en mundo globalizado. *Revista de Ciências Sociais – Unisinos*, São Leopoldo, 37 (159): 235-258, 2001

**DAL RI, Neusa et alii.** *Economia Solidária*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

**DAVENPORT; T.H.; PRUSAK; L.** *Conhecimento Empresarial – Como as organizações gerenciam o seu capital intelectual*. São Paulo, Editora Campus, 1998.

**DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONOMICOS.** (Org.) *Emprego e desenvolvimento Tecnológico - experiências sindicais, setoriais e regionais*. São Paulo: DIEESE; Campinas: CESIT. 2002 225p.

**FLEURY, A.C.C.; FLEURY, M.T.L.** *Estratégias Empresariais e Formação de Competências*. São Paulo. Atlas, 2000.

**FRANÇA E FILHO, G.C; LAVILLE, J.L.** *Economia Solidária: Uma Abordagem Internacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 199p.

**GAIGER, L.I.** (Org.) *Sentidos e experiências da Economia Solidária no Brasil*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004. 414p.

**INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA.** *Brasil - o estado de uma nação*. Brasília IPEA, 2005.

**LAJOLO, R.D** (Coord) *Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis - Guia de Implantação*. São Paulo Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo: SEBRAE, 2003.

**LECHAT, N.M.P.** As raízes históricas da Economia Solidária e seu aparecimento no Brasil, palestra proferida na UNICAMP no II Seminário de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares em 20.03.2002.

**LIANZA, Sidney ; ADDOR, Felipe** (Org.). *Tecnologia Social e Desenvolvimento Social e Solidário*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

**MANCE, Euclides André.** *Como organizar redes solidárias*. Rio de Janeiro: DP&A, Fase, 2002.

- MARTINS, P.H.** (Org) *A Dívida entre os modernos. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2003 336p.
- MELLO, S.L.** (Org.) *Economia Solidária e autogestão - encontros Internacionais*. São Paulo: NESOL- USP, ITCP-USP, PW, 2005.142p.
- MONDRAGÓN COMPLEXO COOPERATIVO, MCC** (on-line) disponível na internet via WWW. URL: <http://www.mondragon.mcc.es>. Arquivo capturado em 05/09/ 2006
- NONAKA, I.; TAKEUCHI, H.** *Criação do Conhecimento na Empresa*. São Paulo, Editora Campus, 1997.
- ODA, N.T.** *Gestão e Trabalho em cooperativas de Produção: Dilemas e alternativas à Participação*. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OLIVEIRA JR. M.M.** (Org) *Gestão Estratégica do Conhecimento – Integrando aprendizagem, conhecimento e competências*. São Paulo. Editora Atlas, 2001.
- PEIXOTO, J.** “Autogestão: um modelo alternativo de reestruturação da produção”. In: JÚNIOR, O. (org.) *Mudanças no mundo do trabalho; cooperativismo e autogestão*. Fortaleza: Expressão, 2002
- PINHO, D. B.** *Economia Informal, Tecnologia Apropriada e Associativismo*. São Paulo: IPE-USP, 1986.
- POCHMANN, M.** *Economia Solidária no Brasil: - Possibilidades e limites. Mercado de Trabalho IPEA/ Nota Técnica*, 24 ago, 2004.
- RUFINO, S.** (Re) *Fazer, (Re) Modelar, (Re) Criar: A autogestão no processo produtivo*. 2005. Tese de Doutorado. POLI/USP
- RIFKIN, J.** *A Era do Acesso*. São Paulo. Makron Books, 2001
- SACHS, I.** *Inclusão Social pelo Trabalho: Desenvolvimento humano, trabalho decente e futuro dos empreendimentos de pequeno porte no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- SANTOS, B.S.** (Org) *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, M.** *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA.** Atlas da Economia Solidária no Brasil. Brasília, 2005 disponível em [http// www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies\\_ATLAS\\_PARTE\\_1.pdf](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies_ATLAS_PARTE_1.pdf) acesso em 05.09.2006
- SILVA PIRES, M.L.L.** Panorama do Cooperativismo brasileiro: história, cenários e tendências. *Revista UniRcoop* volume 1 número 2 outubro 2003
- SINGER, P.** *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- TAULE, J.R.** *Economia Solidária e autogestão no Brasil: Síntese de uma pesquisa. Mercado de Trabalho, conjuntura e análise*, IPEA/TEM, 28 ano 10 setembro 2005.
- TIRIBA, L.** Los trabajadores, el capitalismo y la propiedad colectiva como estrategia de supervivencia y de sociedad: rastreando el debate histórico. *Contexto e Educação*, Ijuí, 46: 7-34 1997
- WENGER, E.** *Communities of Practice. Learning, Meaning, Identity*. Cambridge University Press, NY, 1998
- WENGER, E., McDermott, R. and Snyder, W.** *Cultivating Communities of Practice : A Guide to Managing Knowledge*, Harvard Business Scholl Press, Boston, MA, 2002.